

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 09/06/2017.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: Educação: Política, Gestão e o Sujeito Contemporâneo.

**CORPO EM MOVIMENTO: MARCAS DO
ORÇAMENTO PARTICIPATIVO NA CIDADE DE SUZANO/SP**

Ivan Rubens Dário Jr.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Romualdo Dias

**Rio Claro/SP
junho / 2016**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Linha de Pesquisa: Educação: Política, Gestão e o Sujeito Contemporâneo.

**CORPO EM MOVIMENTO: MARCAS DO
ORÇAMENTO PARTICIPATIVO NA CIDADE DE SUZANO/SP**

Ivan Rubens Dário Jr.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Romualdo Dias

**Rio Claro
junho / 2016**

370 Dario Junior, Ivan Rubens
D218c Corpo em movimento : marcas do orçamento participativo na cidade de Suzano/SP / Ivan Rubens Dario Junior. - Rio Claro, 2016
285 f. : il., figs., gráfs., tabs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias

1. Educação. 2. Processo educacional. 3. Reinvenção da cidade. 4. Experiência. 5. Cartografia. 6. Processo de subjetivação. 7. Estado. I. Título.

Nome: Ivan Rubens Dário Jr

Título: **CORPO em movimento: marcas do orçamento participativo na cidade de Suzano/SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 09/junho/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Romualdo Dias – Orientador
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Profa. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Castro Oliveira
Titular

Profa. Dra. Rosimeri de Oliveira Dias
Titular

Prof. Dr. Pedro de Carvalho Pontual
Suplente

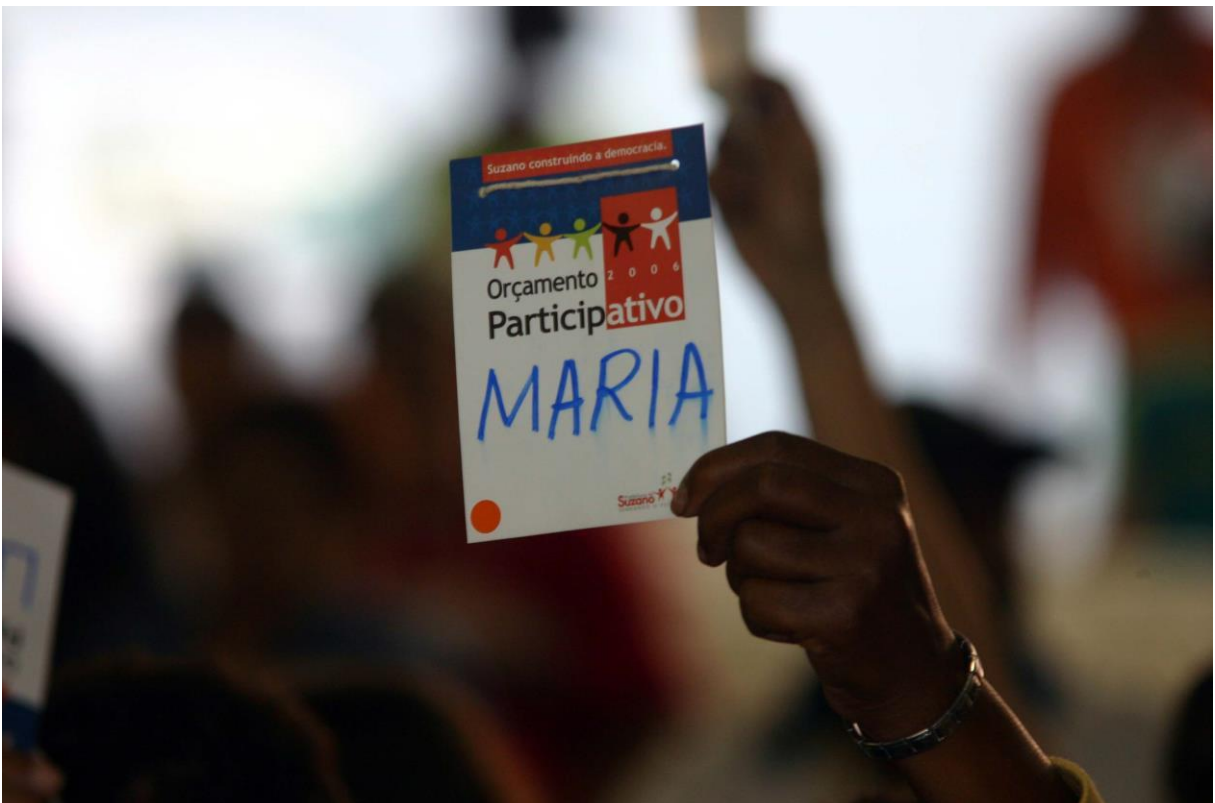
Prof. Dr. Aldo Ambrósio
Suplente

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.”

Paulo Freire

Ao meu avô José Rodrigues Jordão Filho com saudade.

Em homenagem a três educadores: José de Souza Candido (nosso mestre),
Júlio Mariano e Juarez de Araújo Braga.



AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família.

Agradeço ao professor doutor Romualdo Dias.

Agradeço às professoras doutoras Rosimeri de Oliveira Dias e Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira, e ao professor doutor Aldo Ambrózio.

Agradeço aos amigos na pessoa dos geógrafos Marcelo Candido e Ivo Reseck, ao pedagogo Silvio Munari Machado e ao administrador Leonel de Arruda Machado Luz.

Agradeço a família-outra 156.

Agradeço aos colegas do OP em Suzano, conselheiros, apoiadores, simpatizantes, trabalhadores, companheiros, na pessoa da geógrafa Fabiane Pizzirani, da jornalista Cecília Figueiredo e da educadora Paula Cursino.



Ventana sobre el cuerpo (Eduardo Galeano)

a Igreja dice: El cuerpo es una culpa. La ciencia dice. El cuerpo es una máquina. La
publicidad dice: El cuerpo es un negocio. El cuerpo dice: Yo soy una fiesta.

Aboio
(Caetano Veloso)

Urbe imensa
Pense o que é e será e foi
Pensa no boi
Enigmática máscara boi
Tem piedade

Megacidade
Conta teus meninos
Canta com teus sinos
A felicidade intensa
Que se perde e encontra em ti
Luz dilui-se
E adensa-se

Pensa-te

O nome da cidade
(Caetano Veloso)

Ôôôôôôôô ê boi! ê bus!

Onde será que isso começa
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem
A outra viagem que não cessa
Cheguei ao nome da cidade
Não à cidade mesma, espessa
Rio que não é rio: imagens
Essa cidade me atravessa

Ôôôôôôôô ê boi! ê bus!

Será que tudo me interessa?
Cada coisa é demais e tantas
Quais eram minhas esperanças?
O que é ameaça e o que é promessa?
Ruas voando sobre ruas
Letras demais, tudo mentindo
O Redentor, que horror! Que lindo!
Meninos maus, mulheres nuas

Ôôôôôôôô ê boi! ê bus!

A gente chega sem chegar
Não há meada, é só o fio
Será que pra meu próprio rio
Este rio é mais mar que o mar?

Ôôôôôôôô ê boi! ê bus!

Sertão, sertão! ê mar!

RESUMO

O presente texto registra uma experiência com o corpo implicado: a implementação do Orçamento Participativo em Suzano/SP, a cidade das flores, no período compreendido entre 2005–2008 e seus desdobramentos. Desde o primeiro momento na coordenação deste projeto, uma pergunta nos desafiava: para além das obras físicas, o que fica para a cidade com uma política desta natureza? Ou, *a que conduz o Orçamento Participativo?* Uma experiência coletiva, inédita, promotora de movimentos, de trânsitos sobre o chão da cidade física e trânsitos em territórios existenciais, tudo isso inevitavelmente provoca marcas. Apresentamos algumas dessas marcas no corpo da cidade, no CORPO e na cidade. No primeiro capítulo estão organizados os aspectos mais empíricos, corpos em movimento na cidade. No segundo capítulo trabalhamos três fios retirados do novelo, três eixos pulsantes de todo o trabalho, Estado, cidade e sujeito (outros), linhas em tecitura. Nos colocamos a tecer no terceiro e último capítulo: a vida veste sua roupa nova. Estado agora é de poesia, cidades são visíveis, sujeitos provam outras vestimentas e uma articulação entre elas. Educação compreendida como a mútua implicação: processo educacional e produção de subjetividade. Por fim, uma escrita *fora do texto*, uma fala com a vivência do campo cotidiano liberada de conhecimentos definitivos sobre o objeto. Registramos uma experiência de cidade atravessada pela produção de subjetividade. Você terá contato com um texto polifônico a partir de uma política narrativa articulada a outras políticas: política orçamentária, política de pesquisa, política de subjetividade, política de cidade. Falamos de uma política com sentido ampliado, para além das práticas relativas ao Estado. Falamos de uma política que coloca em relação os sujeitos, que dispara movimentos, que provoca encontros. Uma política compreendida como a multiplicação dos possíveis, que se faz em arranjos locais, micro-relações, conversas, cirandas e outras, nessa dimensão micro política das relações. Uma tessitura relacional instituinte na relação com o instituído. Cartografando uma multiplicidade de linhas e vozes. Linhas em tecitura, vozes em tessitura.

Palavras chave:

processo educacional - processo de subjetivação - cidade - política - cartografia.

Abstract

This text registers a body implied experience: the implementation of the Participatory Budgeting in Suzano/SP and its developments in the city of flowers, within the 2005-2008 period. Since the early start of this project coordination some questions challenged us: what remains to the city with such politics over and above the physical works? What leads the Participatory Budgeting? An unprecedented collective experience that promotes movements, as well as traffics above the ground of the physical city, all of these causing marks. We present some of these marks in the body of the city, into the body and into the city. In the first chapter the most empiric aspects are organized, body in movement in the city. In the second chapter, we work with the three threads taken out of the ball of thread, three pulsing shafts of the whole work, State, city and subject (others) - lines in a weaving. We place ourselves at the weave at the third and last chapter: the life wears its new gown. State now is poetry, the cities are invisible, subjects try other clothes. An articulation amongst all of this: the education comprehended on this mutual implication, its educational process and its subjective production. At last, an out of the text writing, a knowledge liberated speech experience that gives up a definitive positions towards the object. We register an experience of the city overpassed by the subjectivity production. You will be in touch with a polyphonic text, out of a narrative policy articulated with other politics: budgeting politics, research politics, subjectivity politics, city politics. We mean politics in a wide sense, beyond the State related politics. We speak about a politic which relates the subjects, which triggers movements and promotes encounters. A politic comprehended as a multiplication of possible worlds that builds itself in local arrangements, micro-relations, talks, dance rounds, in a micro-political policy of the relations. A relational instituting weave at the relation with the instituted. mapping a multiplicity of lines and voices. Weaving lines, voices in weave.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1	
Corpos em movimento: a experiência do OP na cidade.....	15
1.1 Síntese da história da cidade e do governo	16
1.2 Síntese da história do OP, concepção e organização	27
1.3 O processo do ponto de vista da participação das pessoas.....	36
Capítulo 2	
Eixos pulsantes, linhas em tecitura	77
2.1 Estado outro	78
2.2 Cidade outra.....	96
2.3 Sujeito outro	112
Capítulo 3	
Arte de tecer: a vida veste sua roupa nova	121
3.1 Estado, de poesia.....	122
3.2 Cidade visíveis	133
3.3 Sujeito no provador	140
3.4 Dobradiça: as linhas.....	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
Referencial bibliográfico.....	168
Fora do texto – uma escrita no movimento do corpo.....	173
Apêndice A. Artigos publicados em 2006	177
Apêndice B. Artigos publicados em 2007	200
Apêndice C. Artigos publicados em 2008	237
Apêndice D. Artigos publicados a partir de 2009	273

Introdução

à medida em que fui mergulhando na memória para buscar os fatos e reconstituir sua cronologia, me vi adentrando numa outra espécie de memória, uma memória do invisível feita não de fatos mas de algo que acabei chamando de "marcas". (ROLNIK, 1993 p.241)

Às vésperas do natal de 2004, um deputado estadual ainda no exercício do mandato e prefeito eleito me convidou para um café da manhã. A cerimônia de posse aconteceria no início da primeira manhã de 2005.

Mesa posta, palavra acesa. Iniciamos com as 'prioridades': futebol. Falamos sobre a cerimônia de posse, pensamos um pouco sobre as relações entre as instituições públicas na cidade, até que ouço o convite o compor para equipe de governo. Tudo apontava para um intenso trabalho na cidade visto o desafio de implementar um programa de governo construído coletivamente em debates públicos. Sobre a mesa, omelete, pão, café e leite, suco e três possibilidades de atuação. Duas delas já experimentadas: a primeira delas muito bem conhecida; a segunda, razoavelmente conhecida; portanto sem muitas novidades. A última, absolutamente inédita para a cidade e para mim: coordenar o orçamento participativo.

Titubeei!

Como escapar dessa situação?

Precisava de mais um tempo para elaborar a surpresa que tomou conta de mim. Contudo, nenhum assunto outro teria força suficiente para mudar o foco e me garantir um tempinho a mais para pensar sobre isso, nem mesmo as possibilidades reais de uma temporada gloriosa para nosso mais querido São Paulo Futebol Clube. Fui enfático:

- preciso pensar!

Ao que ele respondeu:

- Claro. Vou pedir um café expresso. É deste tempo que dispomos.

O amigo bem me conhecia. Sabia que minha decisão estava tomada desde a formulação do convite. Ineditismo, estudo, criação, invenção, novas possibilidades de experimentação individual e coletiva, enfim, todo um horizonte avistado através desta janela aberta. Aceitei e me lancei neste alto-mar de mundo.

Ventana sobre la utopia

Ella está en el horizonte —dice Fernando Birri—. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.
Eduardo Galeano

Em 1992, o Rio de Janeiro/Brasil sediou a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Eco-92. Naquela oportunidade, Félix Guattari apresentou *a restauração da cidade subjetiva* no colóquio “Homem, cidade, natureza: a cultura hoje”. Guattari iniciou sua intervenção afirmando que

o ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originais – corpo, clã, aldeia, culto, corporação... não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. (Guattari, 1992, p.149)

Um paradoxo que este autor chamou de falso nomadismo: tudo parece circular numa espécie de agitação, um movimento que é, na verdade, falso. Ele usou o exemplo da indústria do turismo. Os turistas viajam imóveis nas cabines de avião, nos quartos de hotel, nos restaurantes que servem os mesmos cardápios ao redor do planeta, para observar as imagens já vistas em cartazes, em anúncios publicitários, em cartões postais, na tela sem profundidade do aparelho de televisão. Compreendemos com Guattari que o excesso de movimento está, na verdade, escamoteando uma paralisia. Tudo circula, mas do ponto de vista da produção da subjetividade, nada acontece. “A subjetividade encontra-se ameaçada de paralisia”. (Guattari, 1992, p.150).

Acompanhando seu raciocínio, alguns pontos nos provocaram sobremaneira. Primeiro, a afirmação de estarem definitivamente perdidas as terras natais. Segundo, a previsão de um horizonte contemporâneo ao mesmo tempo ameaçador e maravilhoso considerando a possibilidade da recomposição de uma singularidade individual e coletiva. Para Guattari, (1992, p.150) “a vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos”.

A ideia de *Jerusalém celeste* nos dá uma pista para a necessidade de escaparmos das idealizações, visto que a restauração da cidade subjetiva, esse confronto entre o sujeito e a materialidade da vida neste aqui e agora tem sua potência. “Essa subjetividade em estado nascente (...) cabe a nós reengendrará-lo constantemente. Não se trata aqui de uma “Jerusalém Celeste”, como a do Apocalipse, mas da restauração de uma cidade subjetiva que engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos” (Guattari, 2012, p.150). Consideradas as idealizações como janelas para utopia na perspectiva de Eduardo Galeano, como um horizonte de sonhos e possibilidades, como disparadora de movimentos, esta perspectiva nos agrada sobremaneira. Por outro lado e ao mesmo tempo, nos parece necessário escapar das idealizações consideradas como totalidades, como verdades absolutas, como respostas que fecham as janelas e interditam movimentos.

O fato de chegar ao governo da cidade, pela primeira vez desde sua emancipação político-administrativa, um projeto político e programático oriundo das classes populares, desencadeando toda uma movimentação como experiência coletiva, como experiência de outras formas de estar na cidade, desde então nos provocou muitos pensamentos.

“Ressingularizar as finalidades da atividade humana, fazê-la reconquistar o nomadismo existencial tão intenso quanto o dos índios da América pré-colombiana! Destacar-se então de um falso nomadismo que na realidade nos deixa no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue, para aceder às verdadeiras errâncias do desejo, às quais as desterritorializações técnico-científicas, urbanas, maquínicas de todas as formas, nos incitam.” (GUATARRI, 1992, p170)

Compreendemos a expressão “ressingularizar as finalidades da atividade humana” como o trabalho de produção e de re-elaboração dos sentidos. Sujeito e sentido se produzindo simultaneamente na medida em que as marcas desta ação se materializam na paisagem urbana em forma de obras ou serviços públicos com um resultado concreto na execução do orçamento por parte da prefeitura. Desta maneira, a população dos bairros da cidade orientava a distribuição de parte da mais valia na cidade.

Observando de início o título desta pesquisa, nossa curiosidade está no confronto estabelecido entre sujeito e cidade. A cidade compreendida como a expressão do real, onde vivemos, de onde extraímos nossa sobrevivência, onde nossos encontros acontecem. A cidade compreendida também como uma construção coletiva. Neste espaço entre um trabalho vivo no governo local assumido na responsabilidade de apresentar respostas concretas para a cidade e, ao mesmo tempo, compreendido como campo empírico a partir do qual o pensamento transita.

Nossa experiência aconteceu numa cidade específica da região metropolitana de São Paulo, esta *urbe imensa*. Suzano, como todas as cidades, é expressão material de uma construção coletiva. A partir dos encontros de orientação neste estudo, pensamos que, ao Estado local cabe tratar das questões da cidade, inserida, contudo no capitalismo neoliberal que opera na destruição do pensamento e na captura dos sujeitos. Questões nacionais e globais batem à porta da Prefeitura o tempo todo. Como responder a isso? As demandas sociais cada vez maiores, mais sérias e mais urgentes e a capacidade de responder a essas demandas cada vez mais limitadas jurídica e orçamentariamente. A vida parece estar se resumindo à esfera sobrevivência em sua batalha violenta. Afinal, quanto mais vulnerável, quanto mais capturado, tanto mais dominado pode estar o sujeito. Os estudos da subjetividade nos interessam no sentido de compreender melhor o confronto entre sujeito e cidade. Pensamos que ao produzir atitudes nesse processo de construção da cidade como espaço da materialização de uma vida mais interessante, ou seja, ao assumir um papel na produção da cidade o sujeito está ao mesmo tempo produzindo a si mesmo.

Colocamos nosso foco na experiência concreta da implementação do orçamento participativo no período de 2005 a 2008 que promoveu ampla discussão pública sobre o custo de viver na cidade a partir do trabalho com a questão do orçamento público. Como veremos nas páginas deste estudo, o orçamento participativo trabalha com as condições reais da sustentação da vida ao olhar para a cidade numa perspectiva econômica. Embora esse trabalho tenha como base a economia, não esteve restrito a essa dimensão. Na experiência também aconteceram convivência, estabelecimento de regras, construção de pactos, e, portanto, consensos aconteceram: o político em movimento. E neste movimento, provocações e estímulos sobre horizontes de que a cidade pode ser diferente. Em

outras palavras, produção de outros sentidos para novas leituras de mundo, sonhos, utopias, saberes, ciência, esperança, tudo isso se articulando.

Vamos tentar relacionar esse nosso campo problemático compreendido como curiosidade disparadora deste estudo, aos desafios presentes na reinvenção do Estado, na reinvenção da cidade e na reinvenção do sujeito em sua disposição de assumir o compromisso com o viver na cidade. Pois bem, a cidade é o real, onde se dá a materialidade da vida. O Estado aqui compreendido como garantidor, ou seja, como legalidade, o jurídico, a institucionalidade, os pactos, as leis, acertos, as regras de convivência enfim. O sujeito, por sua vez, está mais relacionado com aquilo que ele pode desfrutar disso tudo pois, na medida em que o sujeito participa, na medida em que o sujeito interfere, na medida em que o sujeito se envolve, que decide, ele pode perceber que sua vida pode ser melhor e, nesta implicação com a cidade e o Estado, quando tudo se modifica, o próprio sujeito se modifica. Um campo mais amplo, um universo de possibilidades vai se descortinando diante do sujeito, novos sentidos se produzem, outras perspectivas vão aparecendo.

Interessante perceber que estar à espreita, que colocar em dúvida, que elaborar perguntas mostrou-se constante durante toda a experiência. Num artigo publicado em dezembro de 2008 sob o título *A conversa que não houve...*, reproduzido nas páginas 259 e 260 deste texto, uma pergunta aparece repetidas vezes: então, o que fica? O que fica para a cidade e seus habitantes para além das obras físicas como materialidade da execução orçamentária por parte da Prefeitura Municipal?

Agora, vinculados a este programa de pós-graduação em educação, procuramos resposta para a seguinte questão:

➤ ***A que conduz o Orçamento Participativo?***

No primeiro capítulo, mais empírico, descreveremos a experiência do orçamento participativo em Suzano em três abordagens. Primeiro abordaremos o histórico da cidade e do governo no sentido de construir uma contextualização de espaço e tempo. Em seguida entraremos no orçamento participativo propriamente dito com ênfase maior no seu caráter organizativo, narrando sua concepção e como

foi organizado em Suzano. Por fim narraremos este processo a partir do ponto de vista da participação das pessoas que aceitaram o convite e viveram a experiência.

No segundo capítulo, de caráter mais teórico, traremos os autores que fundamentam esta nossa pesquisa, compondo o terreno conceitual por onde circularão nossos pensamentos e, neste diálogo produziremos os três eixos pulsantes, as linhas na tessitura das tantas vozes e na tecelagem desta narrativa a partir da experiência empírica: 1) Estado outro, apoiado em Eduardo Viveiros de Castro, Gilles Deleuze, Michel Foucault e Boaventura de Souza Santos; 2) Cidade outra, apoiada em Yi-Fu Tuan, David Harvey, Félix Guattari, Luc Boltanski e Ève Chiapello; 3) Sujeito outro, apoiado nos textos de Jean-Paul Sartre, Michel Kail e Raoul Kirchmayr.

No terceiro capítulo, traremos nossa experiência vivida em Suzano com o Orçamento Participativo. Desenvolveremos nosso raciocínio da experiência descrita e narrada no primeiro capítulo e, com as lentes presentes no segundo capítulo, apresentaremos os saberes produzidos na experiência, o conhecimento construído a respeito do Estado, da cidade e do sujeito. Um último item servirá como uma espécie de dobradiça articuladora dos eixos pulsantes.

Nas considerações finais, retomaremos a pergunta formulada nesta introdução no sentido de buscar algumas respostas que, mesmo que provisoriamente, arrefeçam e retroalimentem nossa curiosidade investigativa.

Estão *fora do texto* os artigos produzidos quinzenalmente durante o período investigado como forma de registro dos acontecimentos no momento mesmo de sua realização, uma espécie de caderno de campo tornado público na coluna de um jornal local. Desta maneira, esperamos na esteira de Boaventura de Souza Santos quando de sua *Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*, registrar e analisar essa experiência singular vivida intensamente na cidade de Suzano/SP.

Por fim, um alerta ao leitor: a tessitura das tantas vozes, os tantos encontros, dão a esse texto um caráter polifônico. As múltiplas vozes presentes nesse texto estão marcadas com aspas quando a autoria popular é conhecida e registrada. Fazemos isso em respeito e reverência aos autores populares que fizeram e viveram conosco essa experiência única e singular. As expressões em itálico marcam outras tantas autorias cuja identificação e registro não é possível. Vozes tantas outras que ainda ressoam, ecoam e preenchem os inúmeros cadernos de campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Impossível passar por esta pesquisa sem reviver momentos, ‘reencontrar’ amigos e companheiros, sem sentir vibrar as marcas neste corpo. Não foi tranquilo mas foi muito bom. Porque aprender, conhecer, explorar profundezas e desvendar mistérios é, também, doloroso. Pois o reencontro com a experiência vivida proporcionada por esta pesquisa nos trouxe aprendizados importantes. Um deles merece destaque: sentir as dores do viver é transformador. Dá novas formas, reconfigura, dá vida nova, faz renascer um sujeito outro. O afastamento necessário para analisar uma experiência vivida com o corpo implicado na perspectiva científica, mais afastado também no tempo, este outro olhar agora mais maduro e não menos apaixonado pelas descobertas, alguma capacidade de crítica, ou seja, uma outra pessoa reencontrando amigos e revivendo momentos nos permitiu produzir pensamentos novos, parcialmente registrados neste texto.

Na introdução do presente texto, registramos o início de nossa relação com o Orçamento Participativo na cidade de Suzano, situada na zona Leste da capital, seus antecedentes e o encontro sujeito-cidade. Partimos da hipótese que, nesse confronto sujeito X cidade, é possível produzir um futuro, ou seja, novas possibilidades de um e de outro. Novos sujeitos e novas cidades vão se criando nas partilhar acontecidas em bons encontros.

No primeiro capítulo, de caráter mais empírico, descrevemos a experiência do orçamento participativo em Suzano em três abordagens. Primeiro abordamos o histórico da cidade e do governo no sentido de produzir o contexto espaço-temporal. Em seguida entramos no orçamento participativo propriamente dito com ênfase maior para o seu caráter organizativo, narramos sua concepção e como foi organizado em Suzano. Por fim narramos o processo do ponto de vista da participação das pessoas que aceitaram o convite formulado pelo governo local e vivenciaram conosco a experiência.

No segundo capítulo, de caráter mais teórico, dialogamos com os autores que fundamentam esta nossa pesquisa e estudamos três linhas no sentido de apontar

nosso olhar, no sentido de construir as lentes para produção de nossa análise. Sobre o Estado, desenvolvemos nosso estudo sempre numa relação entre estático e movimento. Entendemos o Estado em sua estática, e a existência de movimento dentro dele. Associamos a Estado a uma montanha parada para compreender que ele tende a manter-se, tende à estática. Com Eduardo Viveiros de Castro estudamos o Estado como o encontro na mata entre índio e onça. A partir do encontro entre este autor e o então ministro de Estado da Cultura Gilberto Gil, que é possível haver movimentos dentro do Estado. Com as concepções de esquerda em Gilles Deleuze, aprendemos não haver governo de esquerda apesar de haver gente de esquerda, e portanto ações de esquerda, dentro do e um governo. Passamos pelos conceitos de poder e governo em Michel Foucault. E chegamos ao conceito de Estado como novíssimo movimento social em Boaventura de Souza Santos.

Sobre a cidade, desenvolvemos nosso estudo sempre numa tensão entre cidade e sujeito. Entendemos a cidade como construção permanente e coletiva, resultado material de um intenso jogo de forças das mais diversas ordens, desde os movimentos da comunidade até a disputa pelo orçamento público. Com Yi-Fu Tuan, passeamos pelas paisagens da cultura popular observando as terras natais, com Ítalo Calvino e Lutero Pröscholdt pensamos na importância da memória e tudo o que interfere na forma como olhamos e nos relacionamos com a cidade. Com David Harvey aprendemos que mudanças na cidade exigem mudanças no sujeito, e Félix Guattari continua nos influenciando no sentido de compreender a cidade como produtora de subjetividades individuais e coletivas. Com Luc Boltanski e Ève Chiapello estudamos um pouco a cidade como projeto, apontando o futuro.

Sobre o sujeito, desenvolvemos nosso estudo a partir da conferência *O que é a Subjetividade* proferida por Jean-Paul Sartre ao Instituto Gramsci na Itália. Nosso foco esteve mais apontado para duas abordagens presentes nessa conferência: o lugar de um *não saber* e a totalidade compreendida como *ter de ser*. Esta primeira compreendida como posição política, como abertura de possibilidade de experimentação, e a segunda compreendida como rompimento com as totalizações e trabalho permanente de produção do sujeito para ser o seu próprio ser. Neste ponto, contamos também com o apoio de Michel Kail e Raoul Kirchmayr, prefaciadores do texto sartriano acima citado.

No terceiro capítulo registramos nossos saberes produzidos na experiência vivida intensamente no empírico da vida na cidade a partir dos encontros promovidos com o Orçamento Participativo, e intensamente vivida neste estudo. Essas duas dimensões estão fortemente vinculadas apesar do tempo entre elas. O conceito de Rigor em Suely Rolnik, orientado para este estudo, nos ajudou a soltar nossa escrita visando à produção dos conceitos vividos neste confronto entre o empírico vivido na materialidade da cidade com o OP e o encontro com os autores, leitura das teorias na experiência concreta deste estudo. Desta maneira, fomos devagar vestindo a roupa que reconfigura este novo corpo: Estado é de poesia, e participar da política, disputar o Estado, governar a cidade estão revestidos de um jeito artista com as possibilidades de vitalizar o enfrentamento do desafio. Porque o Estado compreendido como legalidade, como regulador das relações sociais, está evidentemente em disputa dura e permanente. A luta também faz a lei, e isso tudo acontece num lugar e tempo, ambos variáveis, móveis, como assim também são os sujeitos em produção e luta. Assim fomos produzindo tantas cidades quanto sujeitos encontrados na errância desta vida militante. Escolhemos algumas peças, experimentamos uma a uma no provador e, neste movimento, nossa memória trouxe vários sujeitos que, por sua força, alguns estão narrados como vestes que são deste corpo estudante.

Irene: cidade mulher.

Retornamos às cidades invisíveis de Ítalo Calvino e as leituras de Lutero Pröscholdt. Na tela abaixo encontramos as leituras do artista a partir de Irene, uma cidade invisível.

Figura 3: Irene



fonte: Luterio Pröschooldt. Irene. Disponível em: <<http://ascidadesvisitadas.blogspot.com.br>> Acesso em: 04/abr/2016.

A esta altura, Kublai Khan espera que Marco diga como é Irene vista de dentro. E Marco não pode fazê-lo: não conseguiu saber qual é a cidade que os moradores do planalto chamam de Irene; por outro lado, não importa: vista de dentro, seria uma outra cidade; Irene é o nome de uma cidade distante que muda à medida que se aproxima dela. (CALVINO, 2005, p. 114)

A figura 14 é uma leitura do trecho acima. Para Calvino, Irene figura entre *As Cidades e o Nome*. De acordo com o texto, trata-se de uma cidade que se revela de diversas maneiras, a depender do ponto de vista. E considerando que esse ponto de vista também difere no mesmo sujeito, Irene é tantas cidades quanto sujeitos em devir.

É muito interessante a tela. O artista parece sugerir que o sol está em movimento, o que nos leva a pensar que o observador está a observar Irene há algum tempo. Este, por sua vez, nos remete aos tantos sertanejos das canções populares citadas neste estudo. Podemos compreender o sertanejo, o forasteiro, o andarinho, assim como o aventureiro, o artista, o educador e o político apaixonados,

migrando pelo mundo. Estão em movimento sobre o chão mas também vivem o movimento dentro de si. O Cavalo parece parado, mas algum relevo na superfície lisa da água sugere haver algum movimento. Quanto à cidade edificada sobre um platô, vertical, íngreme, quase inacessível, esta muda com as mudanças do olhar e do observador.

A cidade de quem passa sem entrar é uma; É outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; Uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; Cada uma merece um nome diferente; Talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; Talvez eu só tenha falado de Irene. (CALVINO, 2005, p. 115)

Pensemos nos moradores de Irene. Se esta se mostra inacessível, estar em Irene parece significar estar aprisionado em Irene. Queremos, neste ponto, relacionar Irene com as prisões subjetivas, aquelas que capturam nossos pensamentos. Irene está para 'o vazio da modernidade exangue' conforme Guattari. Associamos Irene ao falso nomadismo e, portanto, escapar de Irene é como aproveitar as brechas existentes nas idealizações para aceder ao verdadeiro nomadismo como dos índios da América pré-colombiana compreendido como o desejo, neste caso, o desejo de uma vida melhor na cidade, desejo este construído e sustentado nos encontros, sustentados num movimento coletivo.

Retomando a pergunta formulada na introdução.

Iniciamos este registro textual de nosso estudo com a seguinte questão:

- A que conduz o Orçamento Participativo?

As mudanças reais produzidas na experiência do orçamento participativo como um processo educacional nas cidades subjetivas são impossíveis de ser mensuradas. Não há uma metodologia capaz de medir tais mudanças. Ao mesmo tempo, a cidade não pode ser considerada como totalização. É necessário considerá-la como um enigma, como um desafio que se coloca diante de nós. Neste ponto, o não saber é ético e é político, porque uma atitude: trata-se da maneira como nos colocamos no mundo. De alguma forma, quando nos colocamos na ação,

no trabalho, estamos exercitando cooperação, colaboração, companheirismo na concepção do latim “cum Panis”, aquele com quem dividimos o pão, escapando da lógica da competição e, desta maneira, experimentando outras possibilidades de convivência. Se o neoliberalismo promoveu um divórcio entre o poder e o político, o não saber compreendido como ignorância tem uma potência de recompor o político em sua movência.

Assim, consideramos que o Orçamento Participativo experimentado na materialidade da cidade de Suzano conduziu a uma experiência de (e ao) COMUM. Destacamos este terreno comum por onde circulam as lutas e os sujeitos em produção, com a força de vitalizar uma democracia de intensidade aumentada no sentido de partilhar e cuidar de bens comuns como, por exemplo, a água, o ar, o chão onde pisamos, os pensamentos. A constituição deste sujeito do comum nos sugere um devir água, um sujeito que se joga no fluxo do movimento e vai se produzindo à medida da construção de uma certeza na energia da incerteza. Em particular na singularidade de uma cidade como Suzano atravessada pelo rio Tietê, endorrêico, que nasce próximo mas de costas para o mar, percorre o interior até encontrar sua foz.

Pensando na etimologia da palavra pedagogo, do grego *agogos*: o que conduz. Sugerimos uma pedagogia da cidade a partir da implementação de políticas de/com participação popular múltiplas, na ação concreta, no trabalho de educação compreendida como mútua implicação do sujeito que se produz no processo educacional. Uma pedagogia atenta à produção do espaço, produção do sujeito e produção dos sentidos.

Deus me proteja
(Chico César)

Deus me proteja de mim
e da maldade de gente boa.
Da bondade da pessoa ruim
Deus me governe e guarde
ilumine e zele assim

Caminho se conhece andando
Então vez em quando
é bom se perder

Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber

Perigo é se encontrar perdido
Deixar sem ter sido
Não olhar, não ver

Bom mesmo é ter sexto sentido
Sair distraído
espalhar bem-querer

Referencial bibliográfico.

- ABRAMOVIĆ, Marina. **Terra Comunal**. Disponível em <<http://terracomunal.sescsp.org.br/>> Acesso em: 02/abril/2016.
- ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. 2ª edição. São Paulo: Planeta, 2014.
- AMBRÓZIO, Aldo. **Governamentalidade Neoliberal: Disciplina e Empresariamento da Vida**. *Kínesis*, Vol. IV, nº 08, Dezembro 2012, p. 40-60
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- ANTUNES, Arnaldo & JAFFE, Noemi. **Coleção melhores poemas**. São Paulo: Global, 2010.
- AZEVEDO, Suami Paula de. **Retratos de Suzano: Canto meu recanto**. Suzano/SP: Oriom, 2004.
- AZEVEDO, Sergio de & FERNANDES, Rodrigo Barroso (org). **Orçamento Participativo: Construindo a democracia**. Rio de Janeiro: editora Revan, 2005.
- BASSI, Marcos Edgar. **Participação social e democratização da gestão pública no município: primeiras ações de governo e a opinião dos gestores**. Extrato do pós-doutorado na faculdade de educação da USP.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=355250&search=sao-paulo|suzano|infograficos:-historico>> Acesso em: março 2015.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- _____. **O visconde partido ao meio**
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis**. In SZTUTMAN, Renato. *Eduardo Viveiros de Castro Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008. p.228-258.
- _____, STIGGER, Veronica & VILELA, Fernando. **Onde a onça bebe água**. Cosac Naify, 2015.
- CLARK, T.J. **Por uma esquerda sem futuro**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DEBRUN, Michel. **A conciliação e outras estratégias**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo, para fins didáticos. 1995. Disponível em <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e>>

[videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video](#)> Acesso em: 21/jan/2016.

_____. **Pensamento nômade.** In _____. *A ilha deserta e outros textos.* São Paulo: Iluminuras, 2006 (3ª reimpressão 2014). (p. 319-329)

DIAS, Romualdo. **Educação de jovens e adultos: novas perspectivas!** Curitiba: Appris, 2015.

D'IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo.** 6ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

DUTRA, Olivio & BENEVIDES, Maria Victoria. **Orçamento participativo e socialismo.** 1ª edição. Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

FREIRE, Paulo. **Papel da educação na humanização.** Revista Paz e Terra, São Paulo, nr. 9, p. 123-132, out. 1969.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 11ª edição. 23ª reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FONSECA, Tania Mara Galli. **A cidade subjetiva.** In _____ e KIRST, Patrícia Gomes (org). *Cartografias e devires: a construção do presente.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. (p. 253 – 257)

FOUCAULT, Michel. **Por que investigo o poder?** In DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. (231 – 249)

_____. **O que são as luzes.** In _____ *Ditos & Escritos* Volume II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (335 – 351)

FUMAGALLI, Andrea e MEZZADRA, Sandro. **A crise da economia global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes.** 5ª edição. Buenos Aires: Catálogos S.R.L, 2001.

_____. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso.** 9ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GENRO, Tarso & SOUZA, Ubiratan de. **Orçamento participativo: a experiência de Porto Alegre.** 1ª edição, Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

GIL, Gilberto & Zappa, Regina (org). **Gilberto bem perto.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. **Todas as letras.** In: RENNÓ, Carlos (Org). Edição ampliada e comentada. São Paulo: Companhia as letras, 2003.

_____. **Tempo Rei.** Direção de Andrucha Waddington, filme de 1996. Disponível em <http://www.gilbertoqil.com.br/sec_video.php?id=1&id_type=2>. Acesso em: 25/mar/2016.

- GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____ **Máquina Kafka**. Pag. 51-66. São Paulo: N-1, 2011
- GRAZIA, Grazia de & RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Experiências de orçamento participativo no Brasil**. Período de 1997 a 2000. Vozes, 2003.
- HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____ **O comum no comunismo**.
- _____ **Multidão**
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade a revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. **Tantas palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JULLIEN, François. **A arte do desvio**. In: MORIN, Edgar et al. A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. 16ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- KAIL, Michel e KIRCHMAYR, Raoul. **Consciência e subjetividade**. In: SARTRE, Jean-Paul. *O que é subjetividade?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. P 9–24.
- KOTSCHO, Ricardo. **Do golpe ao Planalto: uma vida de repórter**. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- LAVAL, Christian e DARDOT, Pierre. **La nueva razón del mundo. Ensayo sobre la sociedade neoliberal**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2013.
- LISPECTOR, Clarisse. **A hora da estrela**. 23ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LUKÁCS, Georg. **Narrar ou descrever. Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A sagrada família, ou, a crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: editora civilização brasileira, 2007.
- NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre o império**. Rio de Janeiro/RJ: DP&A editora, 2003.
- NIEMEYER, Oscar. **Minha arquitetura**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista. O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- OLIVEIRA, Francisco de e RIZEK, Cibele Saliba (Orgs). **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007.

- OLIVEIRA, Francisco de e RIZEK, Cibele Saliba e BRAGA, Ruy. **Hegemonia as avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Política e Filosofia. Até página 33. São Paulo: Editora 34, 1996.
- REDE BRASILEIRA DE ORÇAMENTO PARTICIPATIVO. <<http://www.redeopbrasil.com.br/>> Acesso em fevereiro de 2015.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3ª reimpressão. São Paulo: companhia das letras, 2006.
- RICOEUR, Paul. **Tarefas do Educador Político**. São Paulo: Edições Loyola.
- ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. In: Cadernos de Subjetividade, v.1, nr.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, PUC/SP. São Paulo, set/fev, 1993.
- SÁNCHEZ, Félix. **Orçamento participativo: teoria e prática**. Cortez Editora,
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática.- A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência**. v 1: 5ª edição. São Paulo/SP: Cortez, 2000.
- _____. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Coleção Reinventar a emancipação social, vol.1. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. **O que é subjetividade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SCHEINVAR, Estela. **Conselho, escola e práticas inventivas: pensando a gestão no dia a dia**. In: (org) Dias, Rosimeri de Oliveira. *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012. p 61-73.
- SUZANO. **Nomeia o Conselho do Orçamento Participativo e Institui seu Regimento Interno**. Decreto Municipal nº 7.542/2006 de 8 de dezembro de 2006; _____ nº 7.594/2007 de 10 de julho de 2007; _____ Câmara Municipal de Suzano. <<http://www.camarasuzano.sp.gov.br/suzano>> Acesso em fevereiro de 2015.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo sobre a percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **René Lourau na UERJ. Análise Institucional e Prática de Pesquisa**. Rio de Janeiro, 1993, departamento de extensão SR-3 UERJ.

VELOSO, Caetano. **Estrangeiro**. In: FERRAZ, Eucanaã. *Letra só*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2003. p. 205-207.

VIRNO, Paolo. **Gramática da multidão. Para uma análise das formas de vida contemporânea**. <http://es.wikipedia.org/wiki/Paolo_Virno>